

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accéssivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociais, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreatantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico. Os auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço, e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 16 de Maio de 1921

NUMERO 3

MUSCULOS E NERVOS

— Aluizio Azevedo.

AMORTE DO CAMICÊGO

— Monteiro Lobato

A SESSÃO DO INSTITUTO

— Rodrigo Octavio.

O SINEIRO DE CANUDOS

— Escragnolle Doria.

## SUMMARIO

MUSICA DE AMOR

— Armando Erse - (João Luso).

SUPPLEMENTO — A vida

anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores Luiz Delphino.

Curiosidades literarias - Victimada critica.

Vida literaria - A actividade editorial de S. Paulo.

Os nossos poetas - Um soneto de Laët.

Leituras - Populações meridionaes do Brasil — Historias da nossa historia.

# MUSCULOS E NERVOS

Terminava a primeira parte do espectáculo, quando D. Olympia entrou no circo, pelo braço do pae.

Havia grande enchente. O publico vibrava ainda sob a impressão do ultimo trabalho exhibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por toda a platéa e de todos os lados gritavam ferozmente: «Scott! A' scena Scott!» Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocottes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguem entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquella descarga atoadora, só o nome do idolatrado acrobata sobressahia, exclamado com delirio por mil vozes.

— Scott! Scott!

Olympia sentiu-se aturdida; o pae, no intimo, arrendia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em leval-a ao circo; mas o medico recommendára tanto que não a contrariassem... e ella havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquella noite ao Polytheama...

De repente, um grito unisono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais impeto; choveram chapéus; arremessaram-se leques e ramalhetes. Scott havia reaparecido.

— Bravo! Bravo, Scott!

E os applausos recrudesceram ainda.

O gymnasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, sacudio a cabelleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio d'aquella tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de novo a furia dos seus admiradores, e elle teve de voltar á scena inda uma vez, mais outra, e outra, cada vez mais triumpante.

Olympia entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os labios entre-abertos, dir-se-ia hypnotisada, tal era a sua immobildade. O pai tentou chama-la á conversa; ella respondeu por monosyllabos

— Queres... vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espectáculo, a moça parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scott, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais formoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se elle de um trapezio muito alto, deixar-se arrebatar pelo espaço e, em meio do trajecto, soltar as mãos, dar uma

cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

Cada um destes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scott havia feito já, por duas vezes, o seu vôo arriscado; faltava-lhe o ultimo e o mais perigoso. Diferenciava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapezio fronteiro.

O publico palpitava ancioso, até que Scott afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao tecto.

Cavou-se logo um fundo silencio nos espectadores. Os corações batiam com sobresalto; todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do artista, que, lá muito em cima, parecia, nas suas roupas justas de meia, a estatua de uma divindade olympica. Destacava-se-lhe bem o largo peito herculeo, guardado pelos grossos braços nús, em contraste com os rins estreitos, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos musculos de aço se encapellavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos elle segurava o trapezio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranquillamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço na sua cinta bordada de lentejoilas e deu volta ao corpo.

Ouvia-se a respiração offegante do publico.

Scott sacudio o braço do trapezio, experimentando-o, puxou-o afinal contra o collo e deixou-se arrebatado de costas.

Em meio do circo desprendeuse, gritou: «Hop!» deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio.

Mas, o vôo fôra mal calculado, e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrivel bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, echoou por todo o theatro. Vio-se a bella figura de Scott, um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cahir na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiaram em gritos; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incendio; outras jaziam pallidas, a bocca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguem mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, n'uma avidez aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem accordo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, livida, tremula, estonteada, quando deu por si, achou-se sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, e vergou-se toda sobre elle, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor d'aquelle bello corpo esculptural e masculino. E, desatinada, offegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a bronzeada carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a bocca no sangue que elle expellia pela bocca.

Scott teve um estremecimento geral de corpo, contrahiuse, vergou a cabeça para traz, voltou para a moça os seus limpidos olhos commovidos, agora turvados pela morte, cerrou os dentes e n'um arranco supremo, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olympia, inanimado.

ALUIZIO AZEVEDO



## A MORTE DO CAMICÊGO

Foi o Edgard quem lançou o monstro, um dia. O Camicêgo era, na sua imaginação de quatro annos, um bicho "malvado", grande como o armario a principio, depois do tamanho do morro. Comia gente, e tinha um bico *assim*. Este *assim* não era dito, mas figurado numa careta de labios repuchados em bico e olhos esboghados. Com tão gentil focinho não devia de ter má rez o monstro, pensava a "gente grande" que de passagem o via refranzir-se naquella onomatopéa muscular — mas para os cinco annos nervosos da Martha era de crer fosse horrêdo, tal o rictus d'assombro com que enfitando a macaquite do irmão lhe arremedava o muxoxo, sem o perceber. E eram proezas interminaveis do Camicêgo improvisadas na rêde com muitas interrupções perguntativas e explanações de truz.

→ E elle come gente?

Preocupava á Marta, sempre que se lhe antolhava algo desconhecido, visto pela primeira vez, um bezourão, um lagarto, uma coruja, saber do gráu da sua anthropophagia, delle bicho.

O mundo andava repartido em duas classes oppostas: a dos bons, que não comem gente e a dos máus, que a comem.

— Pois não sabe que comeu o filho da Mariana lá no morro, na noite de chuvarada?

A menina voltava os olhos sonhadores para a morraria enquadraada pelas vidraças e quedava-se a scismar.

Já o Guilherme, cujos dois annos e pico inda o traziam muito amadornado de imaginativa, não se impressionava grande cousa e a meio da papagueada hoffmanica saltava da rede a pedir cousa mais positiva, o pão de ló, o bolinho de milho, a guloseima qualquer do dia entrevista no guarda-comida.

E a historia lá continuava, a dois, na rede onde os passaricos se balouçavam isochronos como dois ponteiros de metronomo — sempre entre-mejada das perguntas da Martha, futura consumidora de Escrich, e cabalmente delucidada pelo Edgard, um Wells em embrião.

— E onde mora elle?

No quarto escuro, debaixo da cama, no buraco do forno, naquella barranco, onde cahiu a vacca — Edgard encontrava de pancada uma duzia de luras tenebrosas onde encafiar a sua creação.

A's vezes brincavam de casinha na sala de visitas, sempre em meia luz como todas as salas de visita da roça; sob o sofá antigo de cabiúna, armavam com albuns de musica e as almofadas a casita da Irene, a grande boneca de louça sem pernas.

E era todo um fantastico mobilar de casa. Cacos de tigelas coloridas figuravam de sumptuosa porcellana, em travessas, sopeiras e pratos onde sabugos apanhados ao pé do cocho das vacas e representando os grande personagens da casa, a Anastacia cosinheira, o Ezáu, o Virgolino catacego, o domador, comiam folhas de carurú emquanto, amarrado ao pé da cadeira, pinoteava a egua moura. Esta alimaria não passava de um xúxú espetado de quatro palitos á guiza de pernas, uma penna de gallinha como cauda e trez caroços de feijão enterrados na cara, prefigurando bocca e olhos — suggestiva esculptura da cosinheira que todos preferiam aos cavallos de Nuremberg, pimpões de garbo equino sobre suas quatro rodas de chumbo, áquellas horas esquecidos atraz dos armarios a conversar com teias de aranha.

A's subitas, o Edgard já farto, apontava um desvão da sala mais intenso de sombras e berrava: o Camicêgo!

E debandavam todos em grita, n'um louco panico até a sala de jantar, onde paravam offegantes, a rir de susto.

Um dia appareceu por lá um morcego moribundo d'azas amarrotadas pela vassoura da copeira. O Edgard identificou incontinentemente o bicho nunca visto.

— E' o Camicêgo.

E de roda em torno ao monstrengo quedaram-se os tres em demorada contemplação: a menina em arredio no meio asco da sua femilidade nervosa; o Guilherme espichado no soalho de carita apoiada nas mãos ambas; o outro a pegar sem nojo no bicharoco, a estirar-lhe as azas em gomos de guarda-chuva, a abrir-lhe a bocca para mostrar a serrilha dos dentes brancos, explicando, inventando petas a respeito.

— E elle come gente?

— Bôba! pois não vê que nem come carne este fosforo? e mettia um palito guella a dentro do bicho em transe final.

Nisto "gente grande" pilhou a "porcaria" e com ralhos asperos dispersou o bando, pondo termo á lição de cousas. E o morcego voou zunindo para o quintal. Não valeu o pito. O necroterio transferiu-se para lá, á sombra de uma jabotica-beira. O Edgard com uma faca de mesa procura abrir a barriga do "cevado". Iam fazer sabão da barrigada e linguça das tripas. Mas a faca não cortava, o monstro rijo e molle fugia á direita, á esquerda, e a cosinheira, em busca de cebola para o jantar, pilhou-os de novo na "porcaria". Com sua autoridade de negra velha e "gente grande" e para evitar reincidencia pinchou com a nojenta pellanca do vampiro p'ra riba do telhado.

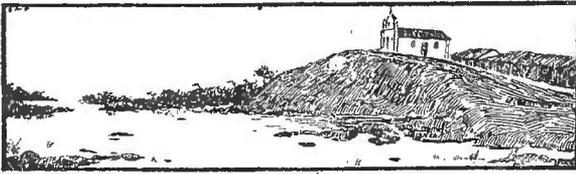
Datou d'ahi a morte do Camicêgo. Não amedrontava mais. Se alguém o lembrava, riam-se, porque a imaginação dos tres incarnava logo o monstro na carcassa triste do pobre morcego.

Ha muita gente que não dispensa moralidades. Querem-n'as tanto nas fabulas como em historias de crianças.

A esses, para contental-os, diga-se que os homens, como crianças grandes, quando corporisam suas idealisações em realidades palpaveis, veem-n'as definharem miseravelmente.

Com serem "gente grande" não deixam de ter lá seus Camicêgos e estes saem-lhes rélissimos morcegos sempre que a vassourada de um criado os pespega para cima da mesa anatomica.

Ou esta ou outra qualquer. Ou melhor nenhuma, que isto é simplesmente historia de criança copiada d' ao vivo e não fabula de Phedro a moderno.



## A SESSÃO DO INSTITUTO

(Trecho de carta)

E a proposito de teu casamento dá que te conte uma historia da qual poderás tirar fecunda lição.

O caso é verdadeiro tanto quanto o possa afirmar, pois se passou commigo. Como sabes, com tua prima, essa nobre e sadia creatura que foi minha mulher, vivi na mais confiante harmonia; não alguns annos somente, quasi um quarto de seculo.

Attribuo esse entendimento entre nós dois, essa justa comprehensão da vida conjugal, a um pequeno episodio, quasi uma anecdota, que occorreu nos primeiros tempos de nossa união e que me ensinou a comprehender o coração da mulher e a inutilidade de o procurar enganar, mais que a leitura de tantos psychologos que abundavam já por aquellas eras.

O que faz a felicidade de entes que se casam, não é tanto a perfeita conformidade na vida material de que a intima confraternisação do espirito. Sem o reciproco entendimento do character e da vontade não pode ser definitiva a conjunção de duas creaturas. Certo a continuidade da vida commum, e sobre tudo a crença convencional de que é definitiva tal situação, gerando habitos que se inveteram, creando essa atmosphera da vida normal do individuo, têm uma grande força de resistencia que ás vezes dura por uma vida inteira. Mas, quantas vezes a apparencia regular e calma não nasce da calada resignação com que duas creaturas infelizes esperam uma futura libertação sem a energia de se rebelar contra o destino, ou convencidas da inutilidade dessa rebellião?

Pode existir entre marido e mulher a inteira e completa confusão de existencia; sem a comprehensão ideal dos espiritos, sem que a vida intellectual se confunda tambem, se integre uma com a outra, não ha essa ligação indestructivel que, satisfazendo as exigencias do temperamento de cada um, constitue a só felicidade que pode tornar supportavel a vida conjuncta.

Sem essa felicidade assim construida, o mais pequeno successo pode determinar a desagregação daquella intima coexistencia. Quantos factos de divergencias retardatarias, de divorcios crepusculares não têm sorprendido a sociedade

rompendo subitamente a existencia de casaes que toda a gente, mesmo a mais intima, via levar sem attrictos a monotonia conformada do casamento?

É que essa existencia vivia apenas da força do habito, dá convenção da fatalidade do matrimonio. Uma qualquer circumstancia que venha demonstrar praticamente a mentira dessa convenção pode operar o desmoronamento de toda a architectura.

Só a felicidade, gerada pela comprehensão dos espiritos, tornando necessaria e desejavel a continuidade desse estado, cria a indissolubilidade desses laços.

Para mim, pela sciencia que adquiri da sociedade e do coração humano, esta se me afigura a verdade, e a transmitto ao meu jovem amigo no momento em que me communica o seu proximo enlace, sem tomar nada pelo sermão.

Vejo agora que o meu caso ficou á margem tendo-me eu embrenhado por umas considerações philosophicas de que me penitencio. Se não comprehenderes o que acima ficou dito ou se achares pueril, a velhice é a segunda infancia, perdôa ao teu velho amigo e rasga esta carta, mas rasga-a depois de a teres lido até o fim. Ganharás com isso. Torno ao meu caso.

Foi nos primeiros tempos do meu casamento. Mal havia escoado o primeiro anno de uma existencia suave, iniciação do longo periodo dessa intensa vida a dois que foi a nossa vida commum.

Eu ainda não havia sido inteiramente conquistado pela collaboração de minha mulher no trabalho de meu espirito, na realisação do meu programma de vida. Aconteceu que por esse tempo, uma pequena aventura amorosa, um simples capricho, se intercallou, já me não lembra como, na regularidade de meu dias.

A intriga se enredou e eu não tive o espirito de resistir a uma tentação facil; accitei uma entrevista que ficou marcada para certa noite em que havia, ou devia haver sessão num instituto de que eu era socio.

Minha mulher não se mostrava curiosa dos meus passeios, que alias não eram frequentes nem longos, e nada houve que embaraçasse minha sahida nessa noite fatal.

Eu deveria ter, porém, tanto explicado a necessidade de ir ao instituto, tanto deveria ter procurado mostrar a naturalidade de minha sahida que no animo arguto de tua prima se desenhou a suspeita de meu delicto. Nada me objectou, porém; deixou-me partir e nossa despedida, a não ser o requinte de ternura com que minha

excitação procurava encobrir a minha infidelidade, foi semelhante ás nossas despedidas de sempre.

Parti. Quando tornei á casa, onze horas passadas, encontrei minha mulher que ainda lia. Deitada, na ampla, levissima camisola aberta de onde emergiam o cõllo e o busto, num confiante abandono, a luz de uma lampada sobre a pequena meza de cabeceira delineava-lhe em claro-escuro as formas gracios do corpo joven.

As minhas explicações ao entrar deveriam ter sido mais compromettedoras que as anteriores. Minha mulher ouviu-me a não habitual loquacidade; olhou-me longamente, envolvendo-me no seu claro olhar bondoso e fundo. Eu estava muito longe de me aperceber da miraculosa intuição daquelle olhar. E minha mulher decifrava nas demasias de minha linguagem a verdade do meu desvio como si eu lhe falasse no proprio idioma nosso.

Precisava, porém, dar-me a lição e chamar-me á consciencia de minha miseria.

E então, Maria, do modo mais natural do mundo, disse:

— Mas... tu foste sem gravata?...

E eu, num rapido relancear de uma perspicacia extraordinaria, prevendo que havia esquecido a gravata no escuso quarto onde estivera, volvi affectando:

— E' verdade... Fui sem gravata... Quando cheguei ao Instituto varios de meus collegas observaram; alguns troçaram, perguntando onde eu havia jantado... Um continuo offereceu-se para ir comprar uma gravata num armarinho proximo... Achei que não valia a pena... Levantei a golla do palitot e assim passei a noite... Mas, não sei mesmo como tal aconteceu. Um caso extraordinario... sair sem gravata... nem sei como não reparaste, ao jantar...

Ditas que foram por mim estas palavras, minha mulher tomou de seu livro e recomeçou a leitura.

Eu fui despir-me e avalia tu, meu caro, do meu desapontamento quando, ao tirar o collarinho, vi que estava de gravata, que trazia ao pescoço uma grande gravata de *plastron*, de cores vivas, gritadoras, barulhentas, que não poderia passar despercebida de olhos mesmo que pouco vissem...

Compreendi, no maximo enleio que, de um modo extraordinariamente fino, minha mulher me havia feito sentir que ella estava senhora de meu segredo, que ella me havia colhido na flagrançia de minha mentira.

O peso da humilhação me fixou no soalho. Maria comprehendeu a afflicção do meu momento e, com generosidade, pousando o livro, apagou a luz e accomodou-se no leito fechando os olhos

para dormir... Não sei como pude terminar o meu vestuario. Perturbado, humilhado, diminuido, vaguei pelo quarto, fazendo mil pequenas cousas, deixando passar o tempo, sem coragem de me metter no leito, n'aquelle leito meu, cuja ampla metade minha mulher, enrodilhada a um canto, me deixava vasia, convidativa, apeteçivel. Passaram-me pela mente mil projectos; quiz ir dormir para outro quarto; quiz atirar-me aos pés da viva creatura e pedir que me perdoasse, quiz... nem sei quanta cousa quiz. O que nesse momento me teria entretanto sido mais desejavel seria que o soalho afundasse numa subita transformação de theatro, e eu desapparecesse daquelle logar, das vistas daquelle creatura de que me não julgava digno.

Afinal, decorrido não sei que tempo, metti-me na cama. Acocorei-me livido, longe, o mais que pude do corpo de minha mulher, temendo de lhe sentir o contacto.

Apaguei minha luz. E o peso da treva cahiu sobre a minha miseria.

Ao outro dia minha mulher se ergueu do leito como si nada tivesse acontecido, com uma superioridade stoica, que fez o meu assombro; a manhã e o dia correram como todas as nossas manhãs e todos os nossos dias...

Sahi para o trabalho, tranquilisado, posto no meu lugar, sem que o mais ligeiro olhar de minha mulher, a mais leve expressão na conversa denunciasse a insinuação mais subtil, a referencia mais longiqua aos factos da vespera. Voltei á tarde e ao vel-a ainda senti-me contrafeito um pouco. Minha mulher, porém, me recebeu como todos os dias costumava receber-me e o nosso jantar correu como os nossos jantares de todos os dias...

Somente, quando o café foi servido, um tinto café fumegante, em finas canequinhas da India, sem que nada lhe denunciasse, na voz ou no rosto, uma intenção de ironia, minha mulher perguntou-me, pondo-me no olhar envergonhado os seus meigos olhos dominadores:

— Tu hoje não tens sessão no Instituto?...

Ao que eu retorqui, vivamente, com uma caricia:

— Mas, não!... O meu Instituto és tu...

E dizia uma verdade, porque com ella aprendera o segredo da vida e da ventura...

RODRIGO OCTAVIO





## O SINEIRO DE CANUDOS

Salvador Mocambo tinha na cabeça, a palmas, o sertão de Canudos, onde tanta gente suou sangue na revolta de Antonio Conselheiro. Nascera na caatinga, quasi della se não afastára. Vaqueiro fora o pae de Salvador Mocambo, o filho seguiu-lhe a profissão. Na mocidade destemperára bastante. Serenando na dança, ralhára na viola cantigas sem fim; puzéra ás tontas, com minéstras e denguiques, muita cabocla bonita, tornando-se figura obrigatoria de quanta encamicada havia.

Déstro, forçado, valente, um galalão, não se repassava de sol ou chuva. Sabia das manhas das boiadas, conhecia pelo volume da barriga a segurança das eguas, conservando sem falha de memoria os ferros de gado do patrão e os marcos das fazendas visinhas. O vaqueiro Salvador, tal a melhor joia da fazenda do capitão Jonas Lebre, ignorante ás posses proprias, pois vivia á larga na capital bahiana. Solteirão, impertinente, gastava dinheiro com as mulheres damas, só de cor duvidosa. No fim do inverno o capitão Jonas recebia o producto da venda do gado, honestissimamente vendido pela jagunçada. O boiame do capitão progredia de anno em anno; as epizootias do *rengue* e do *mal triste* não pareciam feitas para os seus touros ou garrotes.

Salvador Mocambo constituiria-se o vigilante-mór da bicharada do capitão Jonas cuja unica obrigação era, consoante o habito sertanejo, conceder ao vaqueiro o quarto dos productos da fazenda. Salvador não desejava riquezas. Bastava-lhe o sertão, os seus thesouros quando respeitados pelo vento da secca. Era dono dos joazeiros, de follías muito verdes e flores amarellas, como vestidos de esmeralda e ouro; sem impecilhos possuia os mandarucús isolados e muito altos no centro da vegetação rasteira, torres de cathedral sobre cidade pequena; os chiques-chiques, abrindo a neve em perfumes de folhas alvinitentes, defendidas pela ponta de agudos espinhos; os saxateis cabeça de frade, os canudos de pito, que, quando juntos, pelas flores em espigas e penachos, lembram um exercito só de officiaes.

Salvador Mocambo adorava os sertões, amor forte, singelo, bom. Desgracioso como todo ta-

baréo, nervos afogados em preguiça, Salvador era o homem de lucta que são todos os matutos nortistas quando um obstaculo qualquer lhes fustiga a alma adormecida, os musculos afrouxados, de nativo ocio, molles como a fructa sorva, ou inquebraveis qual ferro resistente. “Eu só tenho medo do sol” — dizia Salvador rindo; realmente o sol é o tyranno do sertão e o carrasco do sertanejo. Quando os céos choram apenas em Outubro as chuvas do cajú, será de lagrimas o verão sertanejo. Até as aves emigram na rapida trajetoria da fuga.

Um dia Salvador teve a vida povoada pela paixão. Amou e soffreu. Quiz casar e a noiva acabou raptada por um moço da cidade. O tabaréo sentiu a raiva, o ciume, a afronta bater-lhe ás portas do coração pedindo agasalho eterno. Travou-lhe a bocca o gosto do sangue; na mente enterrou-se-lhe, á moda de prego, a terrivel justiça da vingança. Montou a cavallo, atirou-se pela caatinga como no encalço da boiada em disparo. Alcançou o par fugitivo num sitio onde os molungús e as quixabeiras vicejavam luxuriantes á beira das cacimbas. Matou o rival, poz nua a mulher e tocou para traz. Deixou a antiga noiva com o cadaver do amante e raptor junto dos molungús e quixabeiras, aquelles de flores vermelhas, o sangue do assassinado, estes de fructos negros, como o luto da miseria desamparada.

Córreram vozes pelo sertão acerca do crime. As autoridades não se moveram, nem os matutos culpavam o autor do desaggravo pundonoroso. Salvador Mocambo tornou-se, porém, insociavel, taciturno, gelado em silencio torvo. Já nem escrevia ao capitão Jonas, deixando a um jagunçote a tarefa de communicar-se com o senhor da fazenda. O capitão Jonas mostrava-se cada vez mais amigo das crioulas de baraugandáu. Contribuia, com o aspero labor dos vaqueiros, para a compra daquelles vistosos ornamentos de prata que, sobre as camisas de bicão, as crioulas collocam á cinta nos dias festança do Bomfim. As Venus de chamusco davam-lhe em troca a gamma variada de suas ambrosias e dos seus nectares, o vatapá, o carurú, o acassá de leite, o agurá larangiforme de arroz fermentado, moido em pedra e agua adoçada, sem esquecer a misturada do bobó, com os seus ingredientes varios: o feijão mendubi, agua, sal e banana da terra. O velhão do Jonas preferia taes comedorias aos embigos-de-freira, biscoutos que as mãos das sinhasinhas lhe offereciam á hora do chá n’alguma casa de cabedães, dotes e heranças. A pesca do marido á

moda do farraxo, attraahindo o peixe com a luz, era infructifera com o ricaço do Jonas, cujo estomago amoroso só admittia jabá de gado preto.

Para este pandego negreiro suavam a mais não poder o Salvador Mocambo e os companheiros no sertão, agachados á beira das cacimbas ou correndo atraz das boiadas soltas, emquanto a jia do capitão Jonas, alias bem branco, se enlodava no charço dos amores africanos, alguns cheirosos á maritacáca.

Salvador deixara de escrever ao patrão depois do assassinato commettido por elle, receioso como desconfiado matuto, que o viessem incommodar. Chegada a epoca do *verde*, a feliz quadra chuvosa, Salvador sentia-se rei na caatinga onde a *bicharada fervia*, desde as seriemas chorosas até as sussuaranas ferozes de garras promptas a pôr qualquer vivente em um bolo de carnes. Salvador conhecia egualmente os dias de aragem, as horas da medonha secca quando só o ouricury fornece a padaria sinistra dos pães de bró, pon-do os ventres em forma de tambor sem saciar a fome. Salvador não arredara pé, quasi morrera, ao grunir do vento da secca, o flagelante nordeste.

Não tinha mais um boi, nem mais um cavallo para açoutar a manguá de couro! Alimentava-se com um nada, sem o recurso da caça. Lá se armasse mundéos para mussuananga. Ah! se ainda houvesse uma castanha de muturi nos cajueiros! Pretendel-o, era querer a pititinga miuda, que nada em aguas fartas, a rastejar pelo solo resequido... Uma porcellana cheia d'agua valeria um thesouro. Salvador rapou rente as crinas do cavallo, poz-lhe ás ancas esqueléticas o sino, outrora cheio de provisões e demandou a serra longinqua onde a mulher do, compadre João Mindo sevava mandioca no tijupá hospitaleiro. O cavallo custou a subir o tombador ingreme, mas afinal sempre attingiu o suspirado sitio do Mindo.

Dissipada por completo a medonha catastrophe da secca, Salvador regressou ao sertão, voltando por pequenas jornadas, saudando uma por uma, com indizível emoção, as plantas surgindo aos olhos saudosos: as baranas offerecendo ao viajante o presente das suas flores em cacho, os joás apertados em moitas e os marpeiros disseminadissimos, o roxo dolente da casca das mubusanas, um mundo de ramos a occultar uma fauna das mais ricas. O canto da primeira sericoia trouxe lagrimas aos olhos rudes de Salvador. Sentio, pela primeira vez na vida, uma sensação indefinivel, agridoce, a saudade, o divino travo-gozo.

Disponha-se Salvador a voltar de novo ás antigas lidas de vaqueiro, quando vozes de amigos entraram a contar-lhe as proezas do famoso asceta sertanejo, Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, que, mercê da dor, pregava pelos sertões a fora a redempção dos homens. No animo do vaqueiro havia ainda restos do temor pelo crime de morte praticado no desafogo do odio e do ciume, o grande espinho dos corações humanos. Começou a ruminar a ideia de limpar pelo perdão a escorralha sanguinea de sua vida. Hora a hora cresceu-lhe o desejo de juntar-se ao Antonio Conselheiro, cujos devotos alcançavam o céu.

Um dia entendeu partir para Canudos, a implorar os favores do Alto pela sua salvação. Partio. Achou em caminho gente de todos os pontos e laias, gente de Alagoinhas, Feira de Sant'Anna, Geremoabo, Bom Conselho, Simão Dias. Era mescla de tudo a peregrinação e os peregrinos. Salvador passava de continuo por patricios simplorios e bons. Acotovelava nas estradas as mais despejadas *solteiras*, vestidas de vicios, mas despidas de vergonha, e os mais terriveis clavinoteiros, réos de muitas mortes.

Chegado a Canudos, quedou assombrado ante a *belleza* da igreja nova, molle assombrosa, protesto formidavel contra a architectura e a esthetica, á margem do Vasa-Barris.

Salvador foi acolhido em Canudos com satisfação e applauso. Não tardou em ser querido na grei de Conselheiro e de seus temerosos asseclas: Chico Ema, Quimquim de Coiqui, João Abbade, Pajehú, Laláu, José Gammo e tantos outros. Privou logo com Antonio Bentinho, mulato que era osso e ronha, trazendo o Conselheiro a par de quanto se dizia e pensava em Canudos; não faltou a um só *beija*, cerimonia na qual os santos, veronicas e cruzeiros eram osculados, de bocca em bocca, pela multidão dos jagunços fanatisados, desencardindo a consciencia de crimes no beaterio hystero-illuminado da religião do Conselheiro.

Salvador admirava o Conselheiro com todas as forças d'alma. Acompanhara-o de longe, respeitoso, na sombra; quando o Conselheiro, por indicação de Antonio Beatinho, dirigio-lhe a palavra, Salvador sentiu uma zouzeira na cabeça, quasi perdeu os sentidos.

O Conselheiro falou-lhe, duas ou trez palavras apenas, e afastou-se caxingando um pouco, vestido de azulão, a cabeça nua, as mãos grosseiras sustendo um cajado, os hombros varridos pela grenha hirsuta, o peito invadido pelas barbas gri-

salhas tirante a brancas, os olhos pretos nas covas das orbitas em o rosto macerado, o rosto comprido, pallido, a pallidez dos desenterrados.

Salvador nem teve tempo de responder-lhe, confessar-lhe o seu antigo crime, expor-lhe o sangue oxydado da velha culpa. Salvador raro o vja a não ser nas cerimoniaes do *sanctuario*, nem havia muito quem visse o Conselheiro no arraial dos bequinhos e das casas de taipa.

Depois chegaram os dias aziagos de Canudos. Cresciam as desgraças á maneira de fertil *lingua de vacca*, que todos têm e ninguem cultiva. A paizagem triste entrou a só ter echos para tiros e lutas; Antonio Conselheiro queimára em 1893, no *Bom Conselho*, as taboas que na localidade recebiam os editaes para a cobrança dos impostos decretados pelas camaras recém-autonomas da Bahia. Em Masseté, Uaná, no Cambaio, em mil encontros, cada vez mais renhidos, a jagunçada habituou-se a derrotar a *fraqueza do governo*, isto é, as forças commandadas por chefes cuja hierarchia vencida ia mostrando a importancia das derrotas legaes, o tenente Pires Ferreira, o major Febrônio, o coronel Moreira Cesar, o general Arthur Oscar. Salvador prestou relevantes serviços na caatinga. A principio a voz do canhão o intimidou bastante, mas dissipou-se celere a pavidia impressão. Nas gargantas do Cambaio obrára proezas contra as forças do major Febrônio, atirando enormes lascas de pedra "que passavam como balas razas monstruosas sobre as tropas apavoradas."

Quando Salvador voltava a Canudos não era mais o heroe, mas o candidato a salvação, jejuava, rezava á semelhança da beata mais debil e hysterica.

Por fim a batalha foi apenas em torno de Canudos bloqueado. Salvador Mocambo assumiu então as funcções de sineiro effectivo da igreja velha, funcções desempenhadas com uma pontualidade fervorosa. Canudos tinha diante de si um exercito de quasi 6.000 homens, recebendo diariamente a visita incommoda das balas de um Withorth 32, a *matadeira* dos jagunços. Desde a madrugada pelo correr do dia, o duello de morte se travava, enchendo de echos sinistros os ermos onde as arvores eram a excepção da regra triste de uma esterilidade infinita, a esterilidade das maldições biblicas. Quando a balaria da *fraqueza do governo* se tornava mais densa, Salvador ia para a torre da igreja velha. O sino badalava furioso, com impacencias e coleras, vibrante, falando de odios surdos pór todas as moleculas vibrantes do metal. Assistira Salvador ao encon-

tro da jagunçada contra as tropas de Moreira Cesar, sempre de corda na mão, sempre puxando o velho sino para o clamor da vingança, o berreiro da revide. A casaria de Canudos fora invadida pela gente de Moreira Cesar, o Coronel *Corta-Cabeças*, e o combate se travara immenso, disperso, brutal, implacavel, até as tropas legaes ficarem em pavoroso desbarato.

No meio das sangreiras vinham cahindo os crepusculos, véo de pudor sobre os mysterios da morte. Salvador trepava á torre, diluía-se no espaço o som da *Ave Maria*, o sino entrava a tocar umas notas doces, plangentes, pacificas. Os jagunços cessavam o fogo.

Assim foi sempre, até nos dias de completo cerco do arraial. O toque da *Ave Maria* era infalivel. Contraste singular, os canhões da Favella pareciam esperar aquelle momento para despejar sobre Canudos a mais dura colera. As pausas da *Ave Maria* marcavam-se a estouro de granadas e schrapnells.

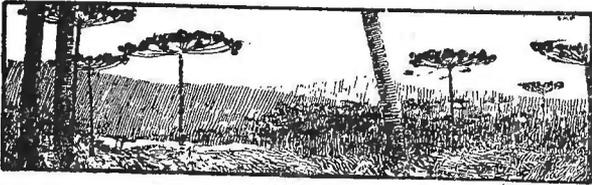
Na descahida da noute serena o sineiro punha a faceirice tragica de não perder uma só nota da voz religiosa do bronze até transformar a mystica *Ave Maria* n'um signal de alarme, feroz, continuo, animando a fuzilaria dos jagunços nas crinalhas das egrejas.

Toda a alma de Canudos vivia no sino e no sineiro da igreja velha. A jagunçada, rija de bronze, rezava e matava, matava quando lhe cortavam o caminho do céu alcançado nas preces e jejuns. A igreja velha, ao peso de tanta bala, mostrava enorme ventre aberto. Aluido o madeiramento, o campanario a cahir, Salvador nelle subia para o toque vespertino.

Um dia, porém, monstruoso schrapnell alargou ainda mais o escancarado ventre de ruinas do templo. O tecto saltou em estilhas, a torre desceu numa queda violenta. O sino, o sino de Salvador, voou pelos ares, badalando ainda, chegando ao solo a tinir de raiva.

Salvador Mocambo comprehendeu o fim da missão propria. Contemplou longamente o instrumento, o fiel companheiro, inerte na terra, rezou um Padre Nosso e dirigiu-se a desaparecer.

De tarde, na linha de fogo, á hora da *Ave Maria*, um tiro de Mauser varou-lhe os intestinos. Salvador veio se arrastando gemendo até alcançar o sino da igreja velha. Apalpou-o, cingiu-o, agonizou e morreu, abraçando sempre o velho sino, posto ao chão, entregado ao rigor de todos os silencios.



## MUSICA DE AMOR

Sós estávamos na sala malva, a sala das recepções intimas, das conversas leves em torno da meza do chá. Mme. de Souza, linda no seu *teagowre* côr de pecego, posava entre a trefega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tínhamos exgotado o ataque á musica italiana quando Mme. Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

— O barão está triste.

— Pois se venho de acompanhar um enterro.

— Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida entre pessoas de sociedade!

— Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica d'este agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Pães ficavam para ali todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradável nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

— Mas pelo que vejo a sua historia tem a propriedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

— Conte-nos isso barão, disse Mme. Werneck, com a sua historia contemporanea do diluvio-faremos decididamente coleção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

— Não conheceram a Carlota Pães? Pois a pobre Carlota Pães, coitada! já com um começo de tísica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella d'aquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, traia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Também só sahia para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alheia-se d'elles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a apparecer á janella, muito loira.

Que faria ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as deliciaes. Carlota ficava ali, numas attitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva quebrada pela incompreensão dos outros, mucilagava uma dolorosa expectativa. Parecia um typo de lenda, á espera da fada que a fosse salvar do bairro escuro e d'aquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver era uma menina romantica, e que romantismo minhas senhoras! Até eu cheguei a admirar-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma nymphia virada em anjo da saudade, — porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida de um paraíso artificial. Não lhe pude saber a origem d'esse esquisito feitio, e certa vez que lhe levava bonbons e lhe falei em paixão, ella teve um gesto tal que me esfriou a alma. Também, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella, baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro. Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céu.

Uma vez, no mez de junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, deante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicadas espraivam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludeia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados d'aquelle brusco quebranto, d'aquelle epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegouse mais ao chaile, com um arepio de goso que subia pelos braços e lentamente irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paizagens subtis e esfumadas, desfiava risos perladados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extrahumana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sen-

suaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana — o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num retangulo de oiro que parecia milagre.

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passara, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito entre a luz do astros e os sons mysteriosos. Nós já riamos da paixão.

— Então a Carlota ?

— Ai ! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada !

E quando eu lhe levava alguma coisa.

— Então a sra. dona Carlota sempre com os sons ?

Ella pendia na cadeira, sussurrando :

— E' tão bom !

Aquelles sons como um rosario sem fim que se desfiasse iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer difficuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita ; a casa ao lado, uma pensão, não lhe deixava advinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possível saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecê-lo para que ? Bastava a delicia de ouvir-o, bastava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés ! E perdia totalmente as noites, essas noites de agosto trahidoramente frias em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas ao longe parecem sudarios consoladores. Era um enebriamento até o romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril como para uma tortura e do outro lado a musica inquisi tora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor.

Ah ! o gozo do raro ! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso como hypnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento, os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, advinhando accordes, advinhando sons como se fizesse o exame da sua alma de amorosa e de cada vez mais maravilhada ficava, bebendo

a pleno trago, o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que de repente ouvia abrir-se uma escala como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois accordes de contra baixo, pezados e sonoros. Depois um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho como se os seculos todos chorassem a vida, d'outras eram trechos modernos trançando no ar uma flora bizarra de nervosos accordes e era então uma revoadada de dores, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de ciúme em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gozando com um gozo feroz de agonisante o amor incorporeo enquanto ao lado noites em fóra as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna, appareceu-me desgrenhada.

— Venha, acuda, a Carlota morre...

— Como foi isso ?

— Sei lá ! Passou toda a noite á janella, o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada ! estava caída numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

— Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

— O pianista ? perguntei ao encarregado.

— O maluco ? No 1.º andar, á direita, quarto numero 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta, desesperado, encontrei um velho homem magro e adunco.

— E' o sr., o pianista ?

— Sou.

— Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

— Para não tocar hoje. Vá com Deus.

— Não, venho pedir que toque. Não é possível explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvir-o. Está morrendo, pede-lhe que toque.

O homem passou as mãos pelos cabellos.

— Escute, é uma loira, muito loira ? Meu Deus !

Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois agarrou-me o braço.

— Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota moíria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas um golphão de ouro, e ella com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado como uma ronda de astros que se despregassem do infinito o piano explodia uma indivisível revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, do mundo ás estrellas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente como se o paraíso abrisse e os archanjos cantassem, e enquanto Carlota sorria, os accordes como um choro de rosas envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

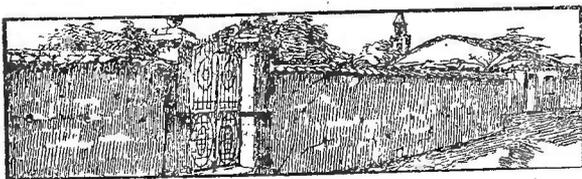
— Ora aqui está porque eu estou triste!

— Coisas da sua phantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

— Para entristecer a gente, acrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E de novo, enquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com afinco e erudição atacámos a musica italiana.

PAULO BARRETO



## AS ARRECADAS

(A CÔELHO NETTO)

No outro dia, manhãsinha cedo, havia de o Neto marchar para a feira, com os dois novillos á soga.

Os ánimaes eram galhardos, escorreitos e sãos, benzesse-os Deus; de dez moedas para riba com certeza davam. E o Neto botava já contas á vida no destino daquelle dinheiro: — tres para a decima, quatro para emprestar a juros de um alqueire cada, e as restantes, com essas compraria as arrecadas da filha.

Ai! as arrecadas! Até que enfim, a Adelaide ia ter umas arrecadas; e só de lhe lembrar o alegrão que a cachopa sentiria ao ver as ricas

argollas de ouro, enramalhadas e lindas, já todo se consolava o pae.

— Tu como as quere, cachopa?

De qualquer geito ella as queria; como fosse da vontade de senhor pae...

— Grandes, hein?

— Sim, elle sempre será melhor.

Não mostrava muito empenho — sempre seria melhor... Mas os seus bellos olhos luziam já, como se estivessem vendo alli bem perto, ao alcance da mão, os enormes brinços, de um lavor complicado, com florinhas em relevo, e sua pedra de cor viva, a dar-lhes graça.

O pae desejava, porém, informações miudas e precisas; não fosse elle, na sua ignorancia, comprar coisa fóra dos termos.

— Pintalgadas, hein, que te parece?

Parecia-lhe que sim. Uns “não me esqueças” pequeninos em toda a volta, ficariam a calhar. E numa palavra — o senhor pae que visse bem se lh’as podia arranjar eguaes ás da Thereza. Lembra-se?

Sim, tinha uma lembrança, não havia duvida.

— Pois, está dito, como as da Thereza: grandes, bem trabalhadas e com florzinhas. Dito.

E festejando-lhe a bonita cara com a mão callosa e larga, deu as boas noites.

Caminho do quarto, fez ideia da impaciencia em que o esperaria a filha no dia seguinte, das vezes sem conta que ella iria á janella a ver quando o lobrigava na volta da estrada, ao longe, entre os dois grandes pinheiros mansos.

— Presumpçosas, presumpçosas! — dizi a baixo

— Que elle tambem se a presumpção fosse tinha...

E pegou a despir-se para se metter na cama. Mas a voz da filha ouviu-se fora.

— Senhor pae, olhe...

— O que é rapariga?

— Se me comprasse tambem uma caixinha p’r’ás arrecadas...

— Compra-se a caixinha, fica descansada.

— Olhe.

— Hein.

— Se eu fosse comsigo?...

— Hom’essa! E quem ha de tratar da obrigação?

— Fallava a alguem.

— Tens medo que me roubem no caminho?

E largou a rir.

— Cá de mim, não. Mas...

— Nada, fica, fica. Aquillo não é romaria; não ha lá danças. Negocios, tudo negocios. Mulheres não andam p’las feiras.

Ella suspirou, tinha grande vontade de ir. Mas, enfim...

— Boa noite, disse desconsolada.

— Boa noite.

Mal o dia rompeu, logo o Neto desceu á côrte, a apparellhar os novilhos. Passou-lhes a sogá nos chifres, tirou-lhes com cuidado a poeira do pello; e depois de ir buscar atraz da porta a aguilhada de marmelleiro, passou os dedos no ferrão a ver se estava agudo, bofou a jaqueta ao hombro e partiu, acenando aos novilhos que o seguiram aos saltos.

A feira ficava longe, num soito largo, onde castanheiros velhos e enramalhados punham na relva fresca enormes manchas de sombra.

Havia um grande chocalhar de campainhas: os vendedores passeavam os animaes, encarecendo-os e gabando-lhes a boa andadura, o ensino apurado, a submissão e a valentia. Discutiam-se defeitos, falava-se com sciencia em nevoas dos olhos, nodoas nos dentes, peito aguado, má bocca ou máo trabalho.

Sobre pedras, alguns vendedores tilintavam uma a uma, punhados de libras, cuidadosamente, verificando se eram das boas. Morgados e ricaços, de esporas e chibata, botas altas de montar, passavam devagar, cumprimentando popularmente em grandes mãosadas, apreçando os bois, com grande ar de entendidos. Um abbade — troquilha, de chapéu largo, jaquetão comprido e cigarro na bocca, tentava manhosamente, num contracto rethorico, impingir aos freguezes uma egua escanzelada e velha.

Palrava-se muito: em grupos havia mesmo ralhos, palavras feias, principios de bordoadá grossa. Junto ás pipas, decilitrava-se, em saudes, por grandes malgas vidradas.

O Neto chegou tarde; mas em volta dos novilhos armou-se logo uma roda de compradores. Alguns arrebitavam-lhes o beicho para ver a idade, miravam-lhes bem as patas, commentando a perfeição dos cascos. O que allí estava á vista de todos (o Neto o affirmava) era trigo sem joio: animaes de uma canna só.

— Quanto quer p'los bichos, ó tio?

Dez moedas; era o preço.

— Puchadote, hein? puchadote.

E remiravam ainda, separadamente e miudamente o corpo de cada animal, passando-lhe a mão por todo o comprimento do lombo, ameiçando-o com pancadinhas doces. A junta despertava interesse.

— Diga lá a ultima palavra, a ultima.

O Neto declarou que a ultima palavra era — dez moedas. Nem mais nem hontem. Nunca fôra homem de regatear; nada, isso era bom para ciganos.

— Nove moedas, tomá lá dá cá; escusa de ir mais adiante...

E faziam já menção de rapar do bolso as nove moedas, e contar-lh'as ali num prompto.

— Por menos de dez ninguem n'os leva. E' excusado.

— Nove e meia.

— Nada.

Mas pessoas, em volta, mettiam-se no contracto. Verdade, verdade, seu Neto. Nove moedas e meia era um bom preço; não senhor, era um bonito preço.

Altercou-se; alguns iam-n'o agarrar, arrastavam-n'o fora do grupo, fallavam-lhe devagarinho ao ouvido. Que diabo, homem, a offerta não era de desprezar. Visse bem que eram nove moedas e meia — dez libras e seis tostões! Era um alto negocio, um negociarrão!

Outros segredavam-lhe amigavelmente nue não cedesse; o outro chegaria ás dez. Estava encantado com os animaes.

Mas um velhote chegou. Pediram-lhe o parecer.

— Dez moedas é de más, você que diz? perguntou o comprador. — Eu até ás nove e meia ainda dou.

O velhote adquiriu maneiras de juiz, prestes a julgar uma causa celebre. Pediu fogo a um delles, accendeu pachorrentamente o cigarro.

— Então você quer dez moedas?

O Neto acenou com a cabeça.

— Você (para outro) dá as nove e meia?

— Saltadinhas.

— Pois ahi vae o meu conselho; vende-se os bois p'las dez menos um quarto, e o outro quarto vae-se beber de vinho, em sucia.

— Approvado.

— Dito.

Contou-se allí o dinheiro, e foi-se beber o quarto em sucia.

Depois o Neto partiu; tinha umas coisas a fazer; tinha que tratar dos negocios, deixou ainda os amigos discutindo de malga na mão, em volta de uma pipa.

Abalou para o lado dos ourives; correu-os todos, de cabo a rabo, analysando bem os brincos pendurados em cartões verdes á volta das barrancas, ou mettidos em caixinhas, por cima dos mostradores.

Custava-lhe o decidir-se; por fim, um tanto namorado por dois ricos argolões, fortes e caprichosamente floreados, perguntou a medo o preço.

Veiu avial-o a mulher do ourives, uma senhora alta, gorda e loira, de mãos finas e brancas, bonitos modos, fallas muito doces; a sua voz tinha

um tom estrangeiro, carregava muito nos rr.

— Os lindos brrincos custam ao sinhorre treze mil réis.

— Não faz um abatimentosinho? aventou o Neto, vagamente.

— Não sinhorre, não pode serre menos.

E convencia-o com argumentos brandos.

— Eu pode venderre outrros mais barratos; mas estes são bons. Muito na moda; muito bons.

Então, tirou da algibeira a bolsa e poz-se a contar o dinheiro; queria tambem uma caixinha, daria mais a mais alguma coisa se preciso fosse.

Ella arranhou-lhe uma caixa preta de forma triangular, metteu-lhe dentro as arrecadadas, cobriu-as preciosamente com frouxel branco.

— Prompto.

E com um gesto gracioso apresentou-lhe amavelmente a caixinha; elle pagou sorrindo. Pediu ainda um papel para embrulhar, e sepultou com cuidado os brincos na algibeira de dentro.

Cahiam as trindades quando largou da feira. Ia-se gente embora, puxando os bois á sóga; apenas alguns feirantes meio bebados palravam ainda ao redor das pipas.

Estrada fora o Neto de novo pensou na filha. Que alegrão! Botava as mãos ao peito, palpava a saliencia da caixa. Era verdade, levava ali a prenda tão cubiçada, ha tanto tempo promettida. . . E advinhava-a na janella. espiando a estrada, apesar da escuridão da noite, julgando a todo passo vê-lo chegar, subir a escada, atirar-lhe ao regaço as bellas arrecadas d'oiro. A moça por certo ficava doida. Que alegrão, que alegrão!

E alargava o passo.

A noite era negra e silenciosa: raras estrellas tremiam apenas escassamente no azul ennevoadado do céu; a espaços o piar melancólico dum moço varava o ar; o vento soprava surdo por dentro dos pinheiros.

O Neto, de mãos nos bolsos da jaleca, varapau debaixo do braço, caminhava.

Perto havia uma encruzilhada de má fama. Diabo! Um presentimento lugubre, quasi o fez parar; mas tentou recuperar sangue frio. Ora bolas, que creança medrosa! Pois não queriam vê'ó homem com receio de passar a encruzilhada? Tinha graça!

E estugou mais o passo, ancioso e offegante.

Mesmo no sitio em que as estradas se cruzavam, tres homenzarrões, de cacete erguido, num prompto o rodearam.

— O' amigo, poise o que leva!

Ficou sem pinta de sangue. Logo tres, Senhor, logo tres! Quiz fingir-se um pobre diabo, sem dinheiro para lhes poisar, que o deixassem seguir o seu caminho, que o deixassem.

— Vá de cantiga, berram-lhe, pois o que leva! Pois elle havia de entregar assim, imbecilmente, passivamente, o preço dos seu bois, as arrecadas da sua filhinha? . . .

— Eu cá de mim não levo nada commigo. . .

— Isso é que vamos ver.

E um dos salteadores adiantou-se, ia deitar-lhe soffregamente a mão ás algibeiras. O Neto recuou dum salto e despediu-lhe rija pancada á nuca; mas um companheiro aparou o golpe com destreza, e então os tres deram de malhar no pobre homem, brutalmente, em cacetadas que o mediam de ilharga a ilharga, desvairados, furiosos, até que mais certo golpe, apanhando-o pela cabeça, deu com elle em terra, exangue, sem sentidos. . .

Foi um carreiro do logar, vindo de Coimbra nessa noite, quem o achou na valeta, immovel, mudo, numa poça de sangue, sem dar côr de si. Carregou-o geitosamente até ao carro; ali o depoz sobre a palha, que havia crescido da ração dos bois.

Eram altas horas quando chegaram ao logar; a Adelaide estava n'uma afflicção, com tal demora. E apenas lhe disseram do occorrido, largou a gritar, desfazendo-se toda em lagrimas, juntando as mãos num desespero, soluçante, doída de dôr.

— Bem me adivinhava o coração, bem m'ó adivinhava. Ai meu rico paesinho, que m'ó mataram.

Galgou as escadas, e ella mesma, com a ajuda do carreiro, trouxe o Neto pelo corredor, fóra, até a cama.

Vieram visinhos, numa balburdia,olicitos, offerecendo o seu prestimo, todos empenhados em dar o seu auxilio naquella desgraça. Um delles foi chamar o medico.

Afinal, o homem estava apenas desmaiado. Tinha a cabeça ferida em duas partes, nodoas negras em todo o corpo, a cara toda ensanguentada; mas havia de salvar-se. E applicaram só de prompto mésinhas.

A Adelaide ficou a rezar fervorosamente á beira do leito, com os olhos no pae. Pela volta da madrugada é que elle se voltou debaixo da roupa.

— Ai, és tú, cachopa?

— Senhor pae! E beijou-lhe as mãos.

— Moeram-me de pancada. . . Por pouco me não mataram. . . Roubaram-me. . .

Teve um suspiro fundo, que o abalou todo e fez torcer de dôr, fincando os dentes nos beiços.

— Lá se foi o dinheiro dos novillos. . .

E como reparasse que ella soluçava muito:

— Não chores, não; p'ra que? Perderam-se os novillos? As vaccas tornam a parir. . .

Suspirou outra vez. E depois, mais dolorosamente:

— O peor foi roubarem-me as arrecadas!

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**LUIZ DELPHINO**

A 25 de agosto de 1834, em Santa Catharina, nasceu Luiz Delphino: Foi um extraordinario poeta. Fecundissimo, só se lhe comparam aquelles poetas hespanhoes, que, como Lope de Vega, contavam aos milhões os seus versos. Do velho comediographo se disse que, calculada a sua producção proporcionalmente á sua vida, não perdeu uma hora de existencia sem um verso ao menos. Luiz Delphino foi de igual facundia. Si nunca publicou livro, tinha em casa, em autographos, mais de 80 volumes, mais de cem poemas e perto de 5.000 sonetos.

Começou a escrever aos 8 annos. Ainda no collegio, versava. Ao entrar para a Faculdade era já um grande poeta. Aos 25 annos, formado medico, casado e com filhos, deixou a lyra e foi clinicar... Durou 30 annos o eclipse do poeta. Em compensação, brilhou o medico, um dos melhores de seu tempo.

Já então produzira o bastante e o melhor para, figurando entre os nossos maiores poetas, merecer a critica demolidora de Sylvio Romero, que lhe não perdoou o crime de não ser nordestino e a leviandade de interromper a sua carreira poetica... De facto, na «Historia da Literatura», o grande critico profiga-lhe o pouco amor á arte e a insinceridade, reveladas pela sua deserção das letras. Ora, caso de natureza antes moral que literaria, pouco importa desde que o merito do auctor é sempre notavel em qualquer das phases. E Luiz Delphino dos primeiros tempos como dos ultimos, romantico ou parnasiano ou, ao mesmo tempo um e outro, por fim, é uma das mais

raras envergaduras de poetas que temos tido.

Nelle é tudo imaginação e eloquencia — disseram. Nunca se viu mais imaginoso poeta. E' a encarnação do Verbo. Não seria difficil, entretanto, citar delle algumas paginas do mais intenso e acendrado sentimento, como poucas se escreveram em vernaculo.

Com tudo isso, é auctor inédito. Seus versos correm mundo, imperciveis, em anthologias, albums, revistas e jornaes. Não fez parte da Academia de Letras. Morreu velho, com cerca de oitenta annos, como um prodigo das Musas, um perdulario de bellezas.

E, para produzir tanto, como escrevia Luiz Delphino? Nunca teve methodo. Nem sequer uma mesa certa, preparada e especial, teve que, com conforto e requintes de prazer, acolhesse no papel as producções do creador. Escrevia em qualquer parte e em qualquer papel. Preferia, emtanto, a ponta da mesa de jantar e escrevia, sobretudo, depois do almoço em meio ao vai-vem e o ruido da sala, alheio a tudo em redor. Muitas vezes, o jantar encontrava-o no seu posto. Não trabalhava á noite. Jogava então a bisca, com as filhas e netos. Mas se entre duas cartadas lhe vinha a inspiração, lá ia para um canto a escrever. Aborrecia a solidão. Não o viam isolado em casa, reconcentrado, a meditar, mas sempre cercado dos seus. Muitas vezes, se escrevia no primeiro andar e havia ruido em baixo, descia e vinha para o «barulho».

Uma unica vez, a Casa Laemert pediu-lhe um livro. Entregou, pois, ao editor as «Immortalidades» — quinhentos sonetos, novos todos, escriptos quasi de um folego e todos magnificos. Escreveu ainda, sobre o mesmo assumpto, mais quinhentos sonetos, prodigio nunca alcançado por poeta algum do mundo.

Promptos, cinzelados, bruni-dos; um incendio destruiu a typographia e os primeiros quinhentos sonetos.

Era caso para enlouquecer. Quando se lhe falava nisso, Luiz Delphino dizia apenas:

— Foi o diabo aquillo!

Para elle, meio milhar de sonetos não eram, nada.



## Victima da critica

A 23 de fevereiro de 1821, morria em Roma um joven inglez de 25 annos, muito obscuro e que era, entretanto, um dos maiores poetas do seculo XIX, só mais tarde reconhecido. Era John Keats, auctor de *Endymion*, de *Hyperion* e da *Ode sobre uma urna grega*. Dez annos depois de sua morte, Fanny Brawne, a noiva que o amára perdidamente, dizia delle em carta a um amigo: «O acto mais caridoso seria deixal-o repousar para sempre na obscuridade a que o haviam condemnado as circumstancias». O proprio Byron, levado por questões de escola, o havia desconhecido; refere-se, em uma estrophe de *Don Juan*, em magnifica homenagem, ao titanico *Hyperion*, «sublime como Eschylo».

A animosidade de Byron devia ter-lhe sido ainda mais penosa que a dos censores da *Quarterly Review* e do *Blackwood's Magazine*, uma das quaes desafiava os leitores a achar um sentido qualquer nos seus versos e a outra o aconselhava a se fazer boticario, mostrando-se, porém, mais cuidadoso com o soporifero de suas poções do que com o de suas poesias. O nobre e grande Shelley foi o primeiro, sem duvida, que lhe fez justiça. No mesmo anno da morte de

Keats, dedicava-lhe o poema *Adonais*, com um prefácio em que proclamava o *Hyperion* não inferior a nada do que fôra produzido a esse tempo. Segundo Shelley, Keats foi uma victima da critica, no sentido tragico da palavra; foi o pezar causado pelos artigos dos seus detractores que teria apressado o seu fim. Mas a *Blackwood's* e a *Quarterly* floresceram em 1818 e o poeta só morreu tres annos depois, de tuberculose.

Depois de morto, sua gloria não cessou de se engrandecer. Figura ao lado de Byron e Shelley. Distingue-se como puro artista, exclusivamente namorado do bello e indifferente a tudo o mais, enquanto os seus dois gloriosos emulos se interessavam por todos os assumptos, mesmo politicos. Keats é um dos mais eminentes representantes da theoria da arte pela arte, da arte considerada como um fim em si.

*A thing of beauty is a joy for  
[ever]*

Este primeiro verso de seu *Endymion*, tantas vezes citado, resume a sua doutrina, de que nunca se desviou. Na *Ode sobre uma urna grega*, muito antes de Teophile Gautier, mostra que o marmore sobrevive á cidade, que só o bello conserva um valor immutavel atravez das edades, que só elle é eternamente verdadeiro: «Belleza é Verdade. Verdade é Belleza. Eis tudo o que sabeis na terra e tudo o que é preciso saber». Como tantos outros poetas inglezes e francezes depois d'elle, foi um pagão absoluto, um fervente adorador do hellenismo.

Fanny Brawne não se surprehenderia de que elle a amasse por sua belleza? Suas cartas provam que a amava com o mais tocante, o mais sublime amor... Em Roma dorme elle no pequeno cemiterio situado em meio de antiguidades, perto da pyramide de Cestins e da via Appia. «Ao pensar que se vae ser amortalhado em tão doce logar, poder-se-ia amar a morte» — disse Shelley.

P. S.



### A actividade editorial de São Paulo.

Procedendo a um inquerito sobre a industria livreira em São Paulo, chegámos a interessantes conclusões, que foram publicadas pelo «Estado de S. Paulo» e pela «Gazeta de Noticias».

Em resumo, foi o seguinte o movimento editorial desta capital, em 1920:

Existem em São Paulo cerca de 20 casas editoras, com um capital de 3.500 contos.

As obras editadas por 15 desses estabelecimentos foram em numero de 203, attingindo a sua tiragem o total de 901.000 exemplares, assim discriminados:

	Exem- plares	Obr. 8
A. O. Rodrigues . . . . .	25.900	8
Antonio F. de Moraes . . . . .	32.000	8
Augusto Siqueira & Cia. . . . .	156.000	26
C. Teixeira & Cia. . . . .	23.500	10
Casa Editora «O Livro» . . . . .	7.000	5
Companhia Melhoramen- tos . . . . .	144.700	35
D. Silva . . . . .	60.000	11
Empresa Editora Brasi- leira . . . . .	35.100	9
Empresa Editora «Cha- caras e Quintaes» . . . . .	80.000	8
Livraria Magalhães . . . . .	100.000	13
Lyceu do Coração de Jesus . . . . .	24.000	9
Monteiro Lobato & Cia. . . . .	56.000	15

Paulo de Azevedo & Cia.	113.000	32
Saraiva & Comp. . . . .	3.000	3
Sociedade Editora Ole- gario Kibeiro . . . . .	41.700	12
Total . . . . .	901.000	203

Calculado pelo preço de venda o valor das obras produzidas, attingiu a cerca de 2.500 contos.

Pouco mais de dois terços da tiragem total cabe aos livros didacticos. Do terço restante, cerca de 100.000 exemplares representam as edições de livros de literatura, isto é, livros de boa literatura; os demais comprehendem as edições de livros de direito, medicina, commercio, conhecimentos uteis, literatura de cordel, etc.

A tiragem dos livros didacticos oscilla entre 5.000 a 50.000 exemplares por edição; as dos livros de direito, medicina e commercio, entre 1.000 a 2.000 exemplares; as dos livros de boa literatura, entre 1.000 a 4.000 exemplares, sendo excepcional a tiragem de 8.000 alcançada pelo «Urupês», de Monteiro Lobato, e representando duas edições a da «Alma Cabocla» de Paulo Setubal. Os livros de pequeno tomo, como «A Pulseira de Ferro» de Amadeu Amaral, chegam a alcançar tiragens maiores. De obras de agricultura tiram-se de 1.000 até 10.000 exemplares e de livros de literatura de cordel, de 3.000 até 15.000 exemplares.

Se nem todos esses algarismos são lisonjeiros, alguns pelo menos merecem ser registrados com prazer.

Em todos esses numeros não estão contados os pequenos editores, nem as pequenas obras editadas pelos proprios auctores. Nem tão pouco as edições feitas em Santos, Campinas e até em cidades menores, como Ribeirão Preto, S. Carlos, Piracicaba, Jahu, Sorocaba, etc. Em Campinas, por exemplo, a livraria Genoud tem feito dezenas de edições de livros infantis, escolares e outros.



### Um soneto de CARLOS DE LAËT

Quem o diria poeta, o velho esgrimista da palavra?

Carlos de Laët, ninguém o reconhece no Brasil. E' o estylo feito homem, o sarcasmo feito jornalista, a ironia armada em critico, a analyse desfeita em chronista ligeiro mas ferino, alaere porém maldozo, explosivo, incontrastavel. Ha mais de cincoenta annos, vibra a sua penna em uma só vergastada, sempre suspensa no ar, attenta a todos os ridiculos, a todo bom senso improvisado e facil, coihendo-os a uns e outros com a bravida impiedade dos fortes. A irreverencia, a sua feição primacial. Dahi tudo decorre: — a analyse, a ironia, o sarcasmo, o estylo. Mas — traço notavel — nunca o baldão se lhe insinuou na prova tersa, o insulto não a pejou, o doesto e a injuria, a plebéia rale da linguagem, lhe quebraram a linha aristocratica do pensamento. As rajadas mais violentas de sua critica, ainda que desaçaimadas e pessoas,

respiram sempre um ambiente de espirito. Discipulos tem-nos muitos, porém, quão raros os que não resvalaram para a lama em que se modelam Pasquinos e Aretinos! . . .

Laët, assim organizado, é o principe da prosa, o grande heroe da polemica, consagrado por um sem conto de refregas. Prosador é polemista, pareceria a absoluta negação da poesia e do verso. Mas, o estylista é por natureza poeta. A poesia não é mais que o estylo metrificado e, ás vezes, rimado.

Quem, no emtanto, conhece versos do illustre maioral de nossas letras, o presidente da Academia Brasileira?

Conhecemol-os nós, como rara e inestimavel preciosidade, que como tal offerecemos aos leitores. E' um soneto que não daeta de hoje, quando já se conhecem d'elle os versos com que sandou a memoria de D. Pedro II, por occasião da chegada de seus despojos ao Brasil. Eil-o:

## TRISTE PHILOSOPHIA

Ia Rosa vestir-se e do vestido  
 Uma voz se desprende e assim murmura:  
 — « Muitos morremos de uma sorte escura,  
 Por que te envolva sérico tecido ! »

Ia tocar-se e escuta-se um gemido  
 Do marfim que as madeixas lhe segura:  
 — « Por dar-te o affeito desta minha alvura,  
 Jaz na selva meu corpo succumbido ! »

Põe um collar; é a perola mais fina:  
 — « Para pescar-me quantos párias, quantos !  
 Padeceram no mar lugubres sortes ! »

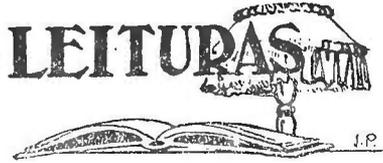
E Rosa chora: — « Oh! desditosa sina !  
 Todo sorriso é feito de mil prantos !  
 Toda vida se tece de mil mortes ! »

E' o mesmo estylo com laivos de classicismo, seja no bem coordenado e symetrico das ideias, seja na linguagem perfeita, elegante e solida, cheia de arte e de surpresa.

De seda veste-se Rosa e a seda chora a metamorphose das nymphas e a morte das borboletas. Só com o sacrificio de umas e outras, pôde-se desfazer o casulo para o « sérico tecido » que ampara o pudor da menina para estadear a vaidade da mulher.

Touca-se. E o marfim, saudoso das florestas e areas da Africa, lembra a millennaria hecatombe das manadas, que vêm tornando possivel um luxo, com todas as suas exigencias.

Por fim, vem o collar e a perola chora os tristos pescadores que por ella morreram. Rosa, pois, chora tambem, com todo o seu triste luxo, toda a sua lugubre vaidade, inteirando-se do sentido profundamente tragicô da vida.



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL—Oliveira Vianna — Ed. da «Revista do Brasil» —São Paulo—1920.

Entre os serviços prestados pela «Revista do Brasil» á litteratura nacional, destaca-se a publicação do «Populações meridionaes do Brasil», de Oliveira Vianna.

Paiz de pouca leitura, onde todas as difficuldades assoberbam os auctores, no Brasil não é façanha commum a edição de tomo tal e tal materia.

A casa editora, entretanto, tem fortes razões para a aventura, que já lhe sahiu como um dos seus mais bellos successos, quer de livraria, quer de oritica.

E' que Oliveira Vianna, espirito de escol, fez obra de extraordinario valor, estudando a nossa formação social, indicando os principais factores da nossa Historia e traçando os mais admiraveis e perfectos quadros da nossa evolução historica. Estudo profundo e esclarecido, «Populações meridionaes» apresenta, além disso, leitura facil e agradável em todas as paginas do alentado volume, as quaes se contam por algumas centenas.

Ha apenas que lamentar a escassez da tiragem: mil exemplares de uma obra que todos os brasileiros deviam lêr . . .

HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA — Viriato Corrêa — Ed. «Revista do Brasil» — São Paulo — 1920.

Ha varias maneiras de escrever-se a Historia. Em geral, relatam-se os acontecimentos na ordem chronologica, capitulo por capitulo. E' a forma de compendio escolar. Outras vezes reunindo-se os factos, approximando-os, comparando-os e commentando-os, facilita-se a comprehensão delles, fazendo-se a philosophia da Historia.

Existe, porém, mais uma modalidade da historiographia e essa, de todas, a mais intelligente para o effeito de vulgarisação e o de despertar o sentimento civico: — é a historia contada pelas suas notas vivas, pessoaes, bem marcadas com um traço de vida e do character profundamente humano. E' a historia pittoresca e anecdotica, irmã gêmea da chronica e da legenda.

Assim procedeu Viriato Corrêa, conhecido escriptor brasileiro, ao compor «Historias da nossa Historia», um dos livros mais interessantes que ultimamente se têm publicado no paiz. Edição da «Revista do Brasil», a confecção apresenta-se bem acabada.

MONTEIRO LOBATO

# Os Negros

Novella cine-romantica, com pios de coruja, noites tempestuosas, mortes tragicas e outros ingredientes de tomo; leitura perigosa ás meninas hystericas e aos velhos cardiacos que crêm em almas do outro mundo.

Um bello volume, com lindas illustrações de Ruy Ferreira 1\$000  
 Pelo correio, registrado . . . . . 1\$300

PEDIDOS Á

*Sociedade Editora Olegario Ribeiro* SÃO PAULO

RUA DR. ABRANCHES 43—TELEPHONE, 5441—CIDADE

EDIÇÕES DA

*Sociedade Editora Olegario Ribeiro*

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.<sup>o</sup> milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber  
(10.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcòs  
(2.a edição, 8.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

**Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO**

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000

	Broch.	Encad.
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece aproximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).